



Ademir Pascale
Organizador
Vol. XIII

POESIAS AO VENTO



Selo Conexão
Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-77201-1
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

[PARA VOCÊ, POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO, PÁG. 05](#)

[POEMA DIVERGENTE, POR AMANDA BERTACI BRANDÃO, PÁG. 07](#)

[PROXIMIDADE, POR ANA CÁTIA BARBOSA LIMA, PÁG. 09](#)

[HOUE UM TEMPO, POR ANA CÁTIA BARBOSA LIMA, PÁG. 11](#)

[TOM DOURADO, POR DÉBORA GUELMANN, PÁG. 14](#)

[O PÃO DE CADA DIA, POR FYCN, PÁG. 16](#)

[PALAVRAS DE AMOR AO VENTO, POR HENRIQUE CANANOSQUE NETO, PÁG. 18](#)

[TODOS NÓS, POR JAFF SILVA, PÁG. 20](#)

[VOZ DA MÃE TERRA, POR JUCY LIMA, PÁG. 22](#)

[PREFÁCIO, POR LOU AGABITI, PÁG. 29](#)

[SAUDADE, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 31](#)

[BÊNÇÃOS DE CHUVA, POR MIZÉ, PÁG. 33](#)

[NATUREZA FERIDA, POR MIZÉ, PÁG. 35](#)

[OMAET, POR PABY PETRINI, PÁG. 37](#)

[VIVER COM ELA, POR PAULO RICARDO DE BARCELOS SOARES, PÁG. 39](#)

[MARCHA MUNDIAL, POR PAULO RICARDO DE BARCELOS SOARES, PÁG. 41](#)

[A NOSSA CASA, POR ROGÉRIO LUIZ CHAVES COSTA, PÁG. 43](#)

[A BARCA, POR ROGÉRIO LUIZ CHAVES COSTA, PÁG. 46](#)

[SOPRO INICIAL, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 48](#)

[METAMORFOSE, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 50](#)

[CORAÇÃO DO VENTO, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 52](#)

[A DANÇA CONTINUA, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 54](#)

[AS BORBOLETAS NO JARDIM, POR ROSA DA TERRA, PÁG. 56](#)

[QUANDO A ALMA CHORA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 58](#)

[RECOMEÇAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 60](#)

[O TEMPO, POR SIMONE MOURA, PÁG. 62](#)

[NAS MINHAS POESIAS, POR STARINES, PÁG. 64](#)

[PROCESSO É EXERCÍCIO, POR TATI RICELI, PÁG. 66](#)

[O TEMPO DO PROCESSO, POR TATI RICELI, PÁG. 70](#)

[MAR QUE ME LEVA, MAR QUE ME TRAZ, POR TATI RICELI, PÁG. 74](#)

[ENQUANTO EU VOLTAVA, POR TATI RICELI, PÁG. 78](#)

[A FOME QUE NÃO ERA SÓ DE COMIDA, POR TATI RICELI, PÁG. 82](#)

[CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 85](#)



Ademir Pascale
Organizador
Vol. XIII

POESIAS AO VENTO





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PARA VOCÊ

POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO

Advogada, Mestra em Direito, Governança e Políticas Públicas pela Universidade Salvador(UNIFACS), Especialista em Direito e Magistratura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Para você eu canto as mais belas canções
Eu tenho as mais belas palavras
Eu coloco o melhor perfume
Eu visto as melhores roupas

Eu danço as mais sensuais músicas
Para você escrevo todos os versos
De um lindo poema
Apenas para dizer eu amo você

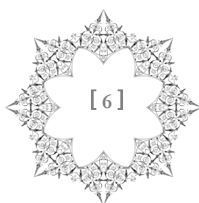
Não posso escrever seu nome no poema
Mas, quando você ler irá
Nesses versos se reconhecer
Que todos os poemas foram feitos para você

O amor ultrapassou as paredes do coração
E em forma de escrita
Revelou o amor
Que eu sempre escondi

Eu sempre disfarcei de você
Agora em forma de poema
Eu confesso
Eu amo você

Se aceitar meu amor
Pode um avião pegar
Dessa vez você não pode perder o embarque
E na minha porta bater

Estarei aqui a te esperar
Para em seus braços me jogar
E a vizinhança toda saber
Que eu amo você





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

POEMA DIVERGENTE **POR AMANDA BERTACI BRANDÃO**

Amante dos livros desde a infância. Aprendiz de escritora há alguns anos.

Morou em Louveira-SP onde foi Professora de Ensino Fundamental, atualmente reside em Campinas-SP onde atua como Bibliotecária na Unicamp.

A voz pouco ou nada exprime, se cala;
o pensamento vagueia e enrijece, se embaralha.
Diante do muito que há para dizer,
refugia-se no ato de escrever.

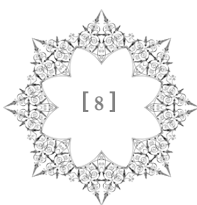
Ruídos corrompem a paz;
odores, sabores atravancam com tenacidade voraz.
Todavia, o conhecimento é aprofundado,
a busca é densa quando se está interessado.

Inebriado por devaneios e só.
Respeite os limites e a distância sem dó!
Preferível aquietar-se consigo,
no silêncio interno do seu abrigo.

Que a justiça se faça e aconteça,
insuportável é a dor atingindo quem não a mereça.
“Sobre o certo e o errado,
existe um só lado.”

Indivíduo neurodivergente,
tantas vezes incompreendido,
ignorado, magoado, completamente aturdido.

Ora, pensar, sentir e agir diferente, enriquece toda gente
que reconhece na criação, diversidade e comunhão.





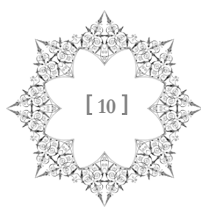
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PROXIMIDADE

POR ANA CÁTIA BARBOSA LIMA

Ana Cátia Barbosa Lima, nasceu em Santa Brígida (BA). É professora de matemática e pós-graduada em Metodologia para o ensino da Matemática. Leciona na rede pública do estado de Sergipe e é idealizadora dos projetos Tapete de Leitura e Bom em Leitura, Bom em Matemática. Foi criada na zona rural e sua paixão pela literatura começou desde muito cedo, através dos cordéis e à luz do candeeiro. Embora sua formação não tenha relação com a literatura, entre álgebra e geometria escreve poesia e incentiva seus alunos a descobrirem o mundo dos livros.

É como se Ele só estivesse lá
Dentro daquelas paredes santas
Pregado, imóvel na cruz
É como se a oração só fosse entendida
Se sofrida, repetida e repetida
Eu, leiga, indigna de honra
Converso com Ele com tanta informalidade
Tomamos café à mesa,
Olhamos as flores no jardim
Ele me acompanha ao trabalho
Põe-me, no meio da noite, a dormir
Seria petulância minha, achar que posso
encontrá-Lo entre os meus afazeres?
Entre roupas, louças ou canteiros?
Ele me mostra suas infinitudes na minha pequenez
Será que o Sagrado está tão lá no alto?
Seria tão profano, Ele descer até as flores do meu quintal?
Tocar levemente com os Seus dedos,
os cabelos crespos, de sua diminuta criatura?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

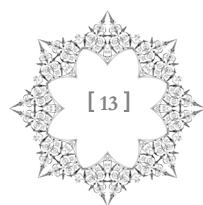
HOUE UM TEMPO

POR ANA CÁTIA BARBOSA LIMA

Ana Cátia Barbosa Lima, nasceu em Santa Brígida (BA). É professora de matemática e pós-graduada em Metodologia para o ensino da Matemática. Leciona na rede pública do estado de Sergipe e é idealizadora dos projetos Tapete de Leitura e Bom em Leitura, Bom em Matemática. Foi criada na zona rural e sua paixão pela literatura começou desde muito cedo, através dos cordéis e à luz do candeeiro. Embora sua formação não tenha relação com a literatura, entre álgebra e geometria escreve poesia e incentiva seus alunos a descobrirem o mundo dos livros.

Houve um tempo,
Um tempo que dividiu a minha vida em duas
Duas sentenças no tempo
Foi um tempo desolador
Eu estava só
Você se encantou por outras coisas
Foi seduzido por lugares
onde eu não estava
Por coisas que eu não fazia
Ainda lembro do som estridente das palavras
Do gosto amargo na boca
Do beijo de despedida
Você me receitou amigos que eu não tinha
Eu não me encaixava nas atividades, na distância
Meu comportamento era forçado
para aparentar liberdade
Mas eu não era livre, nunca fui,
Naquele dia, eu estava tão perdida
Que pedi carona pra andar a pé
E fui parar num lugar tão longe de mim
Eu segui seu conselho
Mas pra que eles servem?
Foi um esforço tremendo, eram tantas pessoas
E eu voltei vazia, sozinha e com frio
Eu chorei três dias inteiros e três noites sem fim
Eu quase te perdi, eu não me encontrava em nada
Parecia que era o adeus para algo que não existia
Não existia?
Mas era tão doce, tão real
preenchia toda a minha vida.
Eu estava desolada
E embora eu tivesse forças para continuar,
Eu não poderia recomeçar sem morrer de novo...

Quantas vezes eu morreria numa vida só?



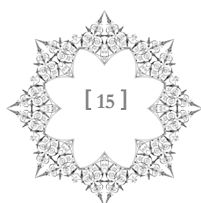


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TOM DOURADO
POR DÉBORA GUELMANN

Débora Guelmann, natural de Curitiba - Paraná, reside no Rio de Janeiro desde a infância. Graduada em Letras (Português-Francês) pela PUC-RJ e em Literatura Francesa pela École Suisse Prealpina. É uma leitora ávida, com grande interesse por histórias de vida. Atualmente, dedica-se à escrita, participando de coletâneas poéticas e trazendo em sua produção a essência de um olhar sensível sobre o mundo.

Amanhece, esparrama,
tom dourado na aurora,
no verde da fina grama,
tal joia, Nossa Senhora!
Instante cai ardente,
pela sombra se expande,
folha de vento na gente,
boniteza reza grande.
Floreia entre caminhos,
bebe do seio da Terra,
um tanto sem destino,
descansa e se encerra.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O PÃO DE CADA DIA

POR FYCN

Fernanda Nakamura, natural da cidade de São Paulo Capital, cineasta, assistente de direção no audiovisual. Sua trajetória na escrita começa aos 15 anos com poemas que retratam a família. Aos 18 começa a desenvolver poemas que retratam família, cotidiano, amores e vida.

Acomodada numa mesa de café, estava eu a aguardá-la,
Tomava um café fresco enquanto meus ouvidos alimentam de narrativas outrem.
Em pouco tempo, do meu olhar periférico, finjo não perceber,
ela chega, daquela forma aflita bem definida, só dela.
Percebo no vendo de seu cheiro, do aroma vívido dos encontros lúbricos,
que infelizmente, eu sentia que já chegava ao fim.
Ela sentou à frente, ofereci inicialmente conversas banais
para desencanar a atmosfera, porém já enxergava nela,
naqueles olhos ausentes, que ela ansiava por finalizar
aquela história que não a satisfazia mais.
Fui ao tema particular, ela pediu para se sentar ao meu lado.
Ah, minha maldita forma de me expressar com firmeza a
faz temer os ouvidos alheios, pois bem, próximo a mim veio se acomodar.
Pus a dizer tudo o que dentro de mim gritava, tudo o que
minha alma exclamava em angústia, tudo o que em dúvida ecoava,
todas as ações dúbias que me deixava sem saber se era sim ou não.
Eu imaginava que todos os olhares de carinho era construção,
E ela me dizia que tudo era só ocasião.
Primeiro veio o vazio, pois relembrei todas as palavras afirmadas a mim,
Antes ditas no calor dos momentos de gracejos, entretanto agora,
era lâmina vinda desses mesmos lábios agora adormecidos.
Entretanto, mesmo no peito ferido, houve certo alívio,
pois soube que a partir dali tanto minhas mãos não afagaria
mais a aridez do vazio, e minha alma, agora livre,
não seria mais caos nem equívocos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PALAVRAS DE AMOR AO VENTO

POR HENRIQUE CANANOSQUE NETO

Nascido na cidade de Lins, no interior do estado de São Paulo. Henrique Cananosque Neto graduou-se em letras, psicologia e música. Atua como professor no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) de Lins. Mestre em educação, cursa doutorado em psicologia do desenvolvimento e aprendizagem na Universidade Estadual Paulista (UNESP) Campus de Bauru. Músico no grupo musical "Querigma" da Paróquia São Judas Tadeu de Lins. Autor de "Uma flor no campo", participa de antologias literárias desde 2008.

Sopram leves, doces, vão embora,
como folhas que o tempo conduz.
São promessas que a alma decora,
mas se perdem na brisa e na luz.

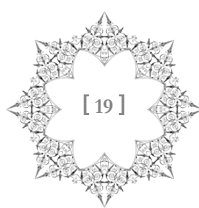
Dizem tudo sem voz, sem medida,
são suspiros que o peito guardou.

Ecoando na estrada da vida,
feito sonho que nunca cessou.

Vão dançando no céu, distraídas,
como versos que o tempo escreveu.

São memórias de tardes vividas,
de um amor que jamais se esqueceu.

E se o vento levar cada frase,
que ele leve também meu calor.
Pois em cada palavra que vale,
há um traço sincero de amor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TODOS NÓS **POR JAFF SILVA**

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS de poemas estão disponíveis no Facebook: (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@Jaffkamphorst).

Para minha irmã

Lá em casa,
Alguns ainda vivem
E outros partiram.

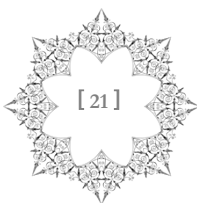
Alguns caminham pela casa
E conversam com você.
Outros esvoaçam pelos quartos
E sussurram nos seus sonhos.

Lá em casa, alguns já morreram,
Outros ainda vivem
E todos convivem.

Alguns estão por aí
E te dão o abraço de hoje.
Às vezes, outros que já se foram,
Se perdem nas profundezas
Do escuro oceano do tempo.
Os esquecidos te fazem chorar
E você não sabe a razão.

Algumas vezes, o aroma e o fumegar do chá,
Outras vezes, o farelo da broa de fubá
Refazem a esmaecida essência
E o lembrado te abraça suavemente.

Então todos nós
Convivemos novamente
No burburinho da existência
De lá de casa.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

VOZ DA MÃE TERRA

POR JUCY LIMA

Jucy Lima está se descobrindo como autora e dando vida ao seu primeiro livro, “Gritos de um Silêncio”, que fala sobre dor, superação e perdão. Encontrou nos concursos literários uma oportunidade de desenvolver seu talento e compartilhar suas obras. Sua escrita combina emoção e reflexão, com o objetivo de criar conexões profundas com seus leitores.



I – O Coração da Terra

Ela nasceu antes das fronteiras,
antes das bandeiras, antes das línguas dividirem os homens.
É o ventre azul suspenso no infinito,
o coração que pulsa em rotação constante,
guardando mares, montanhas, florestas,
rios que correm como veias abertas.

A chamam de Terra,
mas já foi Mãe, Jardim, Santuário.
Em cada grão de areia existe memória,
em cada onda do mar há um sussurro antigo,
um chamado que os homens esqueceram de ouvir.

Carrega o ouro, o petróleo, o trigo,
o sopro de oxigênio que enche os pulmões de cada ser vivo.
E, ainda assim, a tratam como coisa,
a perfuram, arrancam, a queimam, a vendem.

Ela, que ofereceu frutos,
agora se dobra em silêncio,
esperando que alguém, entre as multidões de olhos cegos,
possa lembrar que ela também tem alma.

II – Feridas Abertas

Os mares que dançam em marés de prata
agora carregam plástico como coroas de espinhos.
Os peixes, prisioneiros de redes invisíveis,
mergulhados na sujeira,
morrem sem sequer compreender a sentença.

As florestas, outrora revestidas de verde,
se ajoelham em cinzas.
Cada árvore caída
é um coração a menos batendo no peito do mundo.
E quando o machado encontra a raiz,
é sua carne que sangra,
é o seu corpo que se despedaça.

As cidades cresceram como labirintos de ferro,
os céus se cobriram de fumaça,
os rios foram acorrentados por barragens,
e o silêncio dos pássaros
se tornou a nova música da manhã.

Ela grita em terremotos,
em tempestades,
em desertos que avançam sem piedade.
Mas os homens chamam isso de tragédia,
sem perceber que é apenas eco,
um reflexo de sua ignorância,
consequência da ambição
e da falta de amor ao que lhes mantém vivos.

III – O Sopro da Esperança

E, ainda assim,
em meio às ruínas,
ela guarda sementes de esperança.

Há crianças que desenham o sol
com lápis de cor,
há jovens que marcham nas ruas
gritando por justiça climática.
Há povos que protegem as matas,
mesmo sem armas,
mesmo sem forças,
apenas com a coragem da fé.

Ecoam vozes que se levantam,
que dizem:
“O futuro não se compra,
o amanhã não se vende,
a vida não é mercadoria.”

E nesse coro ela encontra alívio.
Vê mãos que plantam árvores
onde só havia cinza.
Vê olhos que reconhecem a beleza
nas pequenas coisas:
o voo de uma borboleta,
a dança das águas,
o silêncio da lua.

Sim, ela ainda respira.
Ainda carrega dentro dela

o poder de renascer.
Mas precisa que despertem,
que entendam:
não haverá outra casa,
não haverá outro ventre,
não haverá outro chão.

IV – Chamado ao Futuro

Humanidade,
escutem como quem escuta uma mãe cansada.
Ela está te dizendo todos os dias
que é eterna,
mas que é frágil quanto o fio de vento
que toca teu rosto.

Se continuar a feri-la,
será teu próprio reflexo que sangrará.
Se continuar a queimá-la,
será tua pele que arderá.
Se continuar a secá-la,
será tua sede que consumirá teus ossos.

Mas se escolher cuidar,
se escolher preservar,
ela será teu abrigo.
Dará frutos, dará água, dará vida.
Abrirá o céu em auroras,
trará a chuva em canções,
te ensinará novamente a dançar com as estações.

Ela é a Terra.
Não é só tua propriedade,
é teu lar.
Não é só tua riqueza,
é tua vida.

E ainda que tenhas esquecido,
ela é paciente,

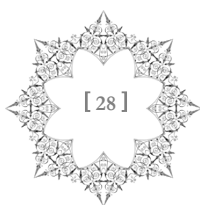
é mãe,
é infinita na capacidade de amar
aqueles que sabem retribuir.

Que teus passos sejam mais leves,
que tua ganância se dissolva,
que teus olhos vejam além das fronteiras.

Pois ela não tem países,
não tem muros,
não tem dono.
É de todos,
e nela cabem todos.

O tempo corre,
a ampulheta está virada,
mas ainda há chance:
se escutares o seu chamado,
se plantares esperança,
se aprenderes a viver com respeito,
te dará futuro.

E quando o último homem lembrar-se de agradecê-la
não será tarde demais,
porque estará aqui,
renascida,
viva,
abraçando-o com a mesma ternura
com que o recebeu no início dos tempos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PREFÁCIO

POR LOU AGABITI

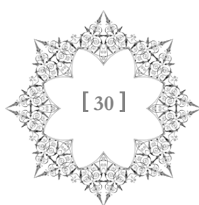
Inquieto, curioso, e constantemente convivendo com uma segunda persona que "liga e desliga" dentro do meu inconsciente. Sempre rabiscando e escrevendo nos cantos dos papéis do trabalho e da faculdade e cantando alto no chuveiro, sem pensar na opinião dos vizinhos. Da geração complicada dos inícios dos anos 2000, sou um dos elos perdidos, a procura de me sentir mais útil, ordinariamente criativo em explorar meus dotes artísticos.

Registros de algo que já foi presente
Por ora, habita o passado
Tracejo por linhas de rascunhos infindáveis,
Afinco meus pés em paisagens mutáveis

Marés, vendavais,
Formam cachoeiras tridimensionais
Minerais completos de cristais etéreos
Nada mais salgado do que os cristais mais duros de serem completos

Em ti, habita o tempo
O tempo do mundo inteiro
Que avistou breve, sucinto e passageiro
Rascunhos repletos de rabiscos, garranchos e erros

Sereno ao encontrar a luz em terra firme
Mesmo editado e revisto por centenas de marinheiros
Prefácio concluído de um trajeto eterno
Chego agora, por fim, ao farol que habita em mim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SAUDADE

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

Saudade é um vento que sopra devagar,
um perfume doce que insiste em ficar.
Ecoa no peito como um antigo refrão,
a lembrança viva de uma leve ilusão.

Do que se foi, resta apenas um doce olhar...
Memórias guardadas, difíceis de apagar.
O passado acena, mas não pode voltar
enquanto o presente insiste em se revelar.

Será que vale a pena no ontem morar
ou melhor é viver, deixar o tempo passar?
Saudade é dor, mas também é pura lição...
Um convite sutil para a uma boa reflexão.

Esquecer não é fácil, é um lento caminhar,
O futuro chama, há tanto para conquistar.
Deixar o passado, seguir sempre adiante
é um ato corajoso, uma escolha vibrante.

Assim, a saudade torna-se uma boa canção
que embala a jornada, dá força ao coração.
Não é esquecer, mas só aprender a viver,
com amor no peito e ousadia para crescer





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

BÊNÇÃOS DE CHUVA POR MIZÉ

Maria José Martins Nunes Henriques Carinhas, nasceu em 1938, numa pequena aldeia do concelho do Bombarral, distrito de Leiria. Cedo revelou um dom inato para as artes: tinha uma voz inesquecível, escrevia e pintava no silêncio da noite e de qualquer coisa fazia uma refeição saborosa e especial. Os melhores tempos da sua vida foram passados em Lourenço Marques, onde gostava de ter ficado, não fosse filha única e o pai não aceitasse tal pedido.

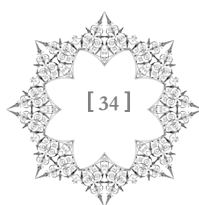
Fez parte de uma geração de mulheres que não podiam concretizar os seus sonhos e, assim, nas pequenas tarefas e responsabilidades do quotidiano foi encontrando forma de expressar a sua peculiar criatividade e voar nas asas dos sonhos. Mais tarde, transferiu para a pintura e para a escrita tudo o que habitava na sua alma para que alguém, um dia, pudesse apreciar e ler as suas mensagens.

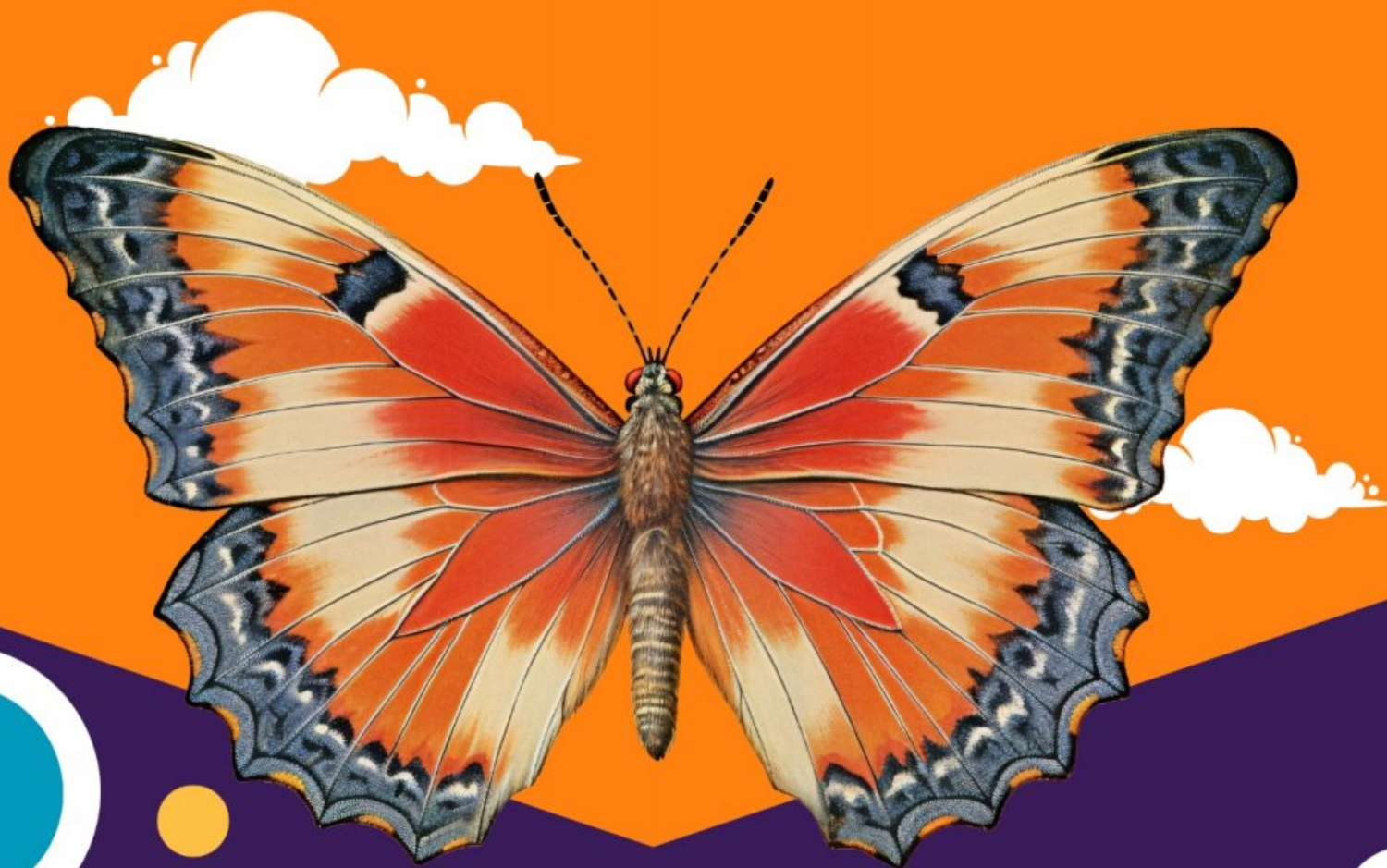
Chove generosamente!

A terra abre os seus sulcos
depois de um tempo escaldante
e recebe a água como uma bênção;
o seu ardente desejo de ser regada
fá-la transbordar de alegria.

Ouvem-se os seus cantos
de agradecimento ao ser criador.
As plantas, outrora sequiosas,
estendem as suas raízes
sugam todos os pingüinhos
que deslizam pelas suas folhas.

E, a chuva chegou.
Os braços da Terra
e os braços dos Homens
ao Céu se ergueram.
Momentos de alegria contagiante!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NATUREZA FERIDA

POR MIZÉ

Maria José Martins Nunes Henriques Carinhas, nasceu em 1938, numa pequena aldeia do concelho do Bombarral, distrito de Leiria. Cedo revelou um dom inato para as artes: tinha uma voz inesquecível, escrevia e pintava no silêncio da noite e de qualquer coisa fazia uma refeição saborosa e especial. Os melhores tempos da sua vida foram passados em Lourenço Marques, onde gostava de ter ficado, não fosse filha única e o pai não aceitasse tal pedido.

Fez parte de uma geração de mulheres que não podiam concretizar os seus sonhos e, assim, nas pequenas tarefas e responsabilidades do quotidiano foi encontrando forma de expressar a sua peculiar criatividade e voar nas asas dos sonhos. Mais tarde, transferiu para a pintura e para a escrita tudo o que habitava na sua alma para que alguém, um dia, pudesse apreciar e ler as suas mensagens.

Colinas, majestosas colinas
Telas pintadas multicores
O Homem é teu inimigo
Não sente as tuas dores.

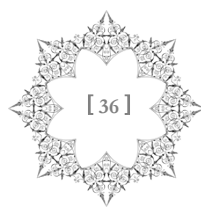
Vendavais, furacões
e outras coisas mais
Sinais dos tempos presentes
Homens, porque não chorais?!

Entre montanhas e vales
O luto está a teus pés
Alguém violou a natureza
Ela sofre e tu não crês.

Caminhos desertos!
Abismos profundos!
Gente que se atropela
Para possuir o Mundo!

Vi no céu um clarão em chama!
Labaredas de fogo se cruzando!
Vi um manto de luto estendido!
E ouvi a Terra-Mãe chamando!

Que tela tão cinzenta
triste pintor, sonhador
Não sabe que a vida só é vida
Numa tela multicolor!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

OMAET

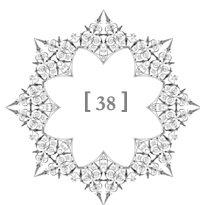
POR PABY PETRINI

Paby Petrini, nascida em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, filha adotiva que aprendeu cedo o valor do acolhimento. Desde pequena encontrou na leitura e na escrita um refúgio, transformando sentimentos em palavras e versos. Formada em Educação Física e estudiosa da saúde, segue unindo ciência, sensibilidade e poesia, acreditando que toda experiência pode florescer em arte.

Fez parte de uma geração de mulheres que não podiam concretizar os seus sonhos e, assim, nas pequenas tarefas e responsabilidades do cotidiano foi encontrando forma de expressar a sua peculiar criatividade e voar nas asas dos sonhos. Mais tarde, transferiu para a pintura e para a escrita tudo o que habitava na sua alma para que alguém, um dia, pudesse apreciar e ler as suas mensagens.



Tu és o bom dia que me acorda!
O desejo que transborda!
Queria eu adormecer em teu colo macio,
Dos teus lábios saciar meu vício.
Meu vício de amar, de te querer perto!
A fonte de amor do meu deserto!
Sentir os íons da tua pele na minha.
E os átomos que se repelem na tua partida.
Queria te segurar mais um minuto...
Te fazer meu mundo!
Mas o tempo é meu inimigo!
Quando estou contigo!
Ele não passa... voa,
Assim como as borboletas!!
Essas que sinto quando olho nos teus olhos...
Ah! Esses olhos que me dão a via láctea de imensidão.
Me fazem ser astronauta e por toda tua alma viajar.
Ficando perdida na órbita de Saturno!
Sem saber mais velejar...
Eu um pirata do oceano, querendo me banhar
Nas tuas águas, te amar!!
Sentir teu sorriso, minha alma arrepiar!
E no silêncio do pôr-do-sol ter a tua companhia!!
Meu maior desejo é fazer teu abraço, lugar de laço!
Para que nos meus dias de cansaço,
Eu posso tranquilamente dormir!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

VIVER COM ELA

POR PAULO RICARDO DE BARCELOS SOARES

Paulo Ricardo é amante da natureza, ex-vigilante e um apaixonado pelas palavras. Autodidata, aprendeu a ler e escrever com apenas a 4ª série de formação escolar e, desde então, nunca deixou de perseguir seus sonhos. Sonhador incansável, já escreveu mais de mil poesias, sempre inspirado pela natureza, pelas situações da vida e pelo cotidiano simples que tanto valoriza. Seu maior desejo sempre foi ver sua obra publicada, mostrando ao mundo a forma singular como enxerga a realidade e transformando sentimentos em versos.

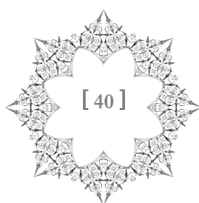


Tenho que viver com ela,
não tenho saída.
Vou vivendo com esta dor doída.

Você foi embora,
saiu da minha vida,
deixando amargura e dor.
Eu fiquei sozinho,
morrendo de amor.

Você era o meu grande amor,
minha querida,
tudo de bom que havia na vida.
Agora só resta esta dor no peito,
causando uma ferida.

Tenho que viver com ela,
não tenho saída.
Meu amor foi embora,
e com ele levou um pedaço da minha vida...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MARCHA MUNDIAL

POR PAULO RICARDO DE BARCELOS SOARES

Paulo Ricardo é amante da natureza, ex-vigilante e um apaixonado pelas palavras. Autodidata, aprendeu a ler e escrever com apenas a 4ª série de formação escolar e, desde então, nunca deixou de perseguir seus sonhos. Sonhador incansável, já escreveu mais de mil poesias, sempre inspirado pela natureza, pelas situações da vida e pelo cotidiano simples que tanto valoriza. Seu maior desejo sempre foi ver sua obra publicada, mostrando ao mundo a forma singular como enxerga a realidade e transformando sentimentos em versos.

Em nome do progresso,
estão expulsando os colonos de suas terras.
Pilhas e pilhas de pedras
estão me assustando.

Os passarinhos do meu quintal
já não estão mais cantando.
Isso me deixa tão triste...

Para a cidade os colonos estão migrando,
mas em seus corações o verde dos campos
eles estão levando.

Vamos plantar uma árvore
e ver ela florescer.
Essa selva de pedra não pode vencer.
A natureza precisa sobreviver.

Vamos dar as mãos
e sair em uma marcha mundial.
Vamos proteger a natureza e os animais.

Não há terra para plantar,
não há o que colher...
Não teremos o que comer.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

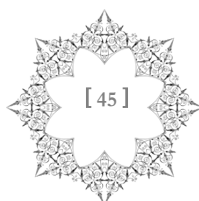
A NOSSA CASA

POR ROGÉRIO LUIZ CHAVES COSTA

Mineiro de Conselheiro Lafaiete onde mora, bacharel em Direito, servidor público, casado com Claudiana e pai do Igor. Aficionado pela leitura, arriscando-se também a escrever. Acredita que a família seja uma célula fundamental. Ama a natureza e os animais.

A nossa casa era grande,
cabiam muitas pessoas,
convivíamos gerações:
pais, avós, filhos e netos,
tio e tias solteironas.
Também o terreno era grande:
horta, terreiro, quintal
lembro perfeitamente...
A cozinha de teto alto,
paredes pretas com picumã,
um cheiro incorporado de comida e fumaça da lenha que ardia,
enquanto minha avó mexia nas panelas,
e meu avô assoprava as brasas para reavivar o fogo...
E o almoço ficava pronto bem cedo...
Nossos costumes...
Tinha um oratório com muitos santos e rosários.
Ah, que saudade daquela casa, da vó e do vô,
da mãe, do pai, dos irmãos,
dos meus tios também.
Das rezas na sala principal...
tinha uma cristaleira lá,
antiga como todos os móveis.
O quintal grande com árvores frutíferas
tinha uma mina d'água...
Minha avó, a mãe e as tias lavando roupa lá,
em meio às árvores e verduras...
Sapos coaxando no brejo de noite,
e eu ainda pequeno nem sonhando crescer,
trabalhar e morar na cidade;
ter esposa e filhos.
Mal sabia eu que lá era o meu pedaço de céu,
lá onde convivíamos todos,

onde brincávamos e também tivemos sarampo e tosse,
bicho de pé, carrapato e joelho ralado...
Ah, nunca me esquecerei também do nosso cavalo crioulo...
Ô dó, ele caiu num buraco!
Mas voltando às boas lembranças
e às saudades: minha mãe me acordando:
– Acorda, Ginho! Tá na hora de levantar,
vem tomar café, tá na mesa,
seus irmãos já estão brincando no quintal...
Ah! Mesmo acordado era um sonho
e eu não sabia que era feliz...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A BARCA

POR ROGÉRIO LUIZ CHAVES COSTA

Mineiro de Conselheiro Lafaiete onde mora, bacharel em Direito, servidor público, casado com Claudiana e pai do Igor. Aficionado pela leitura, arriscando-se também a escrever. Acredita que a família seja uma célula fundamental. Ama a natureza e os animais.

Ele comanda a barca,
alto e forte,
rosto assustador,
não cai no balanço.
E são infinitas idas e vindas
pra buscar mais almas:
o velho empresário, a moça,
o pequeno, o grande,
o bonito e o feio,
os saudáveis, os doentes
vindos de todos os cantos do planeta.
E ele comanda a barca
sem pestanejar.
Ai daquela moça que desapareceu
E ninguém mais soube notícias!
Veio sem o óbolo,
quase ninguém vai com o passaporte,
irão ficar no pântano.
Ter sido bom na vida
não é garantia
porque o julgamento é certo,
mas pra ter menos chance de
ficar assombrando uma casa
ad aeternum,
por umas e outras, sempre trago comigo moedinhas
e se Caronte aparecer, estarei preparado!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SOPRO INICIAL

POR ROMÃZINHA MARIA

Romãzinha Maria é uma cidadã portuguesa, nascida no concelho de Bombarral, distrito de Leiria, Portugal. Desde cedo revelou um enorme gosto pela leitura e pela escrita, adorava escrever composições, em especial sobre a Natureza – flores, animais e sobre o mar. É professora de Inglês e de Cidadania e Desenvolvimento, há cerca de 40 anos, leccionando turmas do ensino básico e secundário, numa escola da periferia de Lisboa. Participa em diversos projetos dos Programas Erasmus e Escola Azul, este último direcionado para a literacia do mar. Nos tempos livres adora ler e escrever entre outras ocupações.



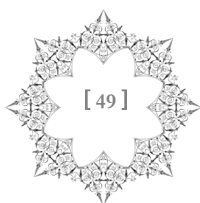
Há um rumor que chega antes de cada amanhecer:
como que um leve fio de ar que abraça o orvalho
e chama pelo nome as folhas mais pequenas.
A relva respira devagar, sorvendo cada gota de água.
Um grilo esquece a pressa e demora-se no sonho.
A terra cheira a pão recém tirado do forno.

O vento não entra repentinamente, desliza,
como mão aberta sobre a pele do campo,
sem nada exigir ou conquistar à força,
colhendo apenas o brilho do que se lhe oferece.

A natureza resplandece no seu maior fulgor:
Há sebes que se inclinam como quem concorda,
ramos que dizem sim aos pássaros com as pontas,
sementes que procuram a claridade
enquanto germinam com olhos ainda fechados.

E eu fico quieta,
o corpo aprendendo a ser brisa,
o ouvido atento ao idioma de tantos seres,
cada som é pequeno e inteiro.

Nessa linguagem desconhecida para muitos
o silêncio é uma ave que planeia no céu
antes de bater as asas e iniciar o voo.
O dia, ainda branco tal folha por escrever
promete não se apressar, antes viver.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

METAMORFOSE

POR ROMÃZINHA MARIA

Romãzinha Maria é uma cidadã portuguesa, nascida no concelho de Bombarral, distrito de Leiria, Portugal. Desde cedo revelou um enorme gosto pela leitura e pela escrita, adorava escrever composições, em especial sobre a Natureza – flores, animais e sobre o mar. É professora de Inglês e de Cidadania e Desenvolvimento, há cerca de 40 anos, leccionando turmas do ensino básico e secundário, numa escola da periferia de Lisboa. Participa em diversos projetos dos Programas Erasmus e Escola Azul, este último direcionado para a literacia do mar. Nos tempos livres adora ler e escrever entre outras ocupações.

Antes de lhe darem o primeiro nome, foi casulo.
Um punhado de tempo enrolado em si mesmo,
um trabalho sem testemunhas.

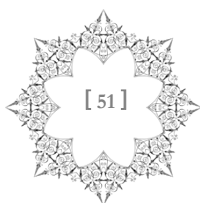
Depois, a pele antiga abriu-se
como um envelope lido com os dedos.
Da fenda saiu uma delicadeza sonolenta:
asas que precisavam aprender
o peso da sua própria leveza.

O vento, curioso, aproximou o rosto,
Soprou baixinho para não acordar a água.
O ar tocou-a gentilmente e aqueceu-a
e a borboleta descobriu-se na luz.

Primeiro ensaiou o equilíbrio
entre o medo de cair e permanecer,
com leves toques de respiração
transformou o mundo em margem.

Nada na borboleta foi pressa.
O corpo leu o espaço em sílabas claras,
como quem começa a soletrar o horizonte.

O vento recebeu essas letras soltas
e abriu caminho, circulou e voou.
Iniciou-se, então, uma conversa sem som
onde cada pausa era uma flor.
E assim se escreveu um acordo antigo
entre o que vem e o que volta
o pólen, a cor, o tempo em forma de casulo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CORAÇÃO DO VENTO

POR ROMÃZINHA MARIA

Romãzinha Maria é uma cidadã portuguesa, nascida no concelho de Bombarral, distrito de Leiria, Portugal. Desde cedo revelou um enorme gosto pela leitura e pela escrita, adorava escrever composições, em especial sobre a Natureza – flores, animais e sobre o mar. É professora de Inglês e de Cidadania e Desenvolvimento, há cerca de 40 anos, leccionando turmas do ensino básico e secundário, numa escola da periferia de Lisboa. Participa em diversos projetos dos Programas Erasmus e Escola Azul, este último direcionado para a literacia do mar. Nos tempos livres adora ler e escrever entre outras ocupações.

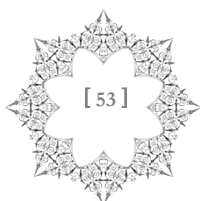
Para mim o vento é um pensamento da terra
que resolveu caminhar e fazer-se ouvir.
Contorna o tronco da árvore como se o abraçasse,
por vezes testa a força das suas raízes
noutras aprende a flauta das folhas.

Quando passa pelos campos de trigo,
dança uma coreografia de ondas.
Quando passa pela minha pele,
traz lembranças do que já não vivo.

O vento nem sempre manda, convida.
Transforma bordas em caminhos.
Sabe quando ser corredor,
quando ser tempestade,
mas também sabe ouvir os nomes das flores.

Fala com a árvore pelo lado de dentro,
agita o verde como quem ri sem som.
Ensina ao lago a escrita dos círculos
e ao musgo a paciência de resistir.
O coração do vento bate no intervalo
entre o sussurro e o silêncio.

A borboleta aceita a corrente
que a leva a encostar no azul,
prova o mel que há nesse instante.
E eu, de novo quieta, debaixo da romanzeira,
aprendo a maneira como o mundo respira,
essa dança de não prender nada
e ainda assim pertencer a tudo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A DANÇA CONTINUA

POR ROMÃZINHA MARIA

Romãzinha Maria é uma cidadã portuguesa, nascida no concelho de Bombarral, distrito de Leiria, Portugal. Desde cedo revelou um enorme gosto pela leitura e pela escrita, adorava escrever composições, em especial sobre a Natureza – flores, animais e sobre o mar. É professora de Inglês e de Cidadania e Desenvolvimento, há cerca de 40 anos, leccionando turmas do ensino básico e secundário, numa escola da periferia de Lisboa. Participa em diversos projetos dos Programas Erasmus e Escola Azul, este último direcionado para a literacia do mar. Nos tempos livres adora ler e escrever entre outras ocupações.



O vento recolhe o que sobra,
tudo espalha com cuidado sobre o campo,
como quem estica um lençol no estendal do céu.
O mundo amadurece para o simples.
e o tempo fica sentado no degrau à beira.

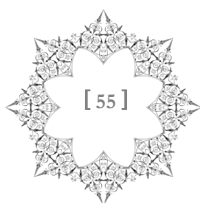
O vento passa e leva a poeira
devolvendo o brilho que já antes existia.
A natureza pensa em voz baixa,
o vento é o lápis, as borboletas, são as vírgulas da alegria.

Dentro do jardim há um lugar precioso
feito de perfumes que se encostam uns aos outros.
Nesse jardim, a borboleta esvoaça livremente,
os seus movimentos são uma caligrafia só sua,
gestos de quem escreve para si mesma.

Quando a tarde inclina o rosto, um ouro discreto escorre das folhas.
O vento recolhe, agradece e segue.
A borboleta fecha e abre o mundo nas suas batidas.
E eu fico ali até a sombra aprender o meu nome,
num lugar onde tudo o que se move também repousa.

A noite chega como quem já sabe o caminho.
O vento muda de tom, mais fundo,
e mesmo assim é leve como uma mão
que apaga a luz e encerra o dia.

E eu, que vivi a felicidade naquele lugar
volto para casa com o bolso cheio de ar,
carrego em mim a certeza de que o mundo respira
e que, se encostarmos o ouvido no silêncio,
consequiremos ouvir a poesia da dança do vento.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AS BORBOLETAS NO JARDIM

POR ROSA DA TERRA

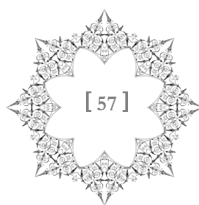
Terezinha do Socorro Reis Rosa, conhecida pelo pseudônimo Rosa da Terra, é pedagoga, artista plástica e escritora paraense. Apaixonada pela arte desde a infância, encontrou na literatura e na pintura formas de expressar memórias, sentimentos e sonhos. Sua escrita transita entre poesia, contos e crônicas, com destaque para temas amazônicos, culturais e de superação pessoal. Participa ativamente de antologias literárias e concursos, levando sua voz a novos leitores.

As borboletas dançam,
asas de seda colorida,
saltam de flor em flor,
bebendo o néctar da manhã.

Olhos que brilham como joias,
refletem o sol em festa.
No ar, deslizam suaves,
um balé de pura leveza.

Rainhas da beleza,
trazem cores vibrantes ao vento.
De cada voo nasce encanto,
de cada pouso, um espetáculo.

Tesouros vivos da natureza,
milagre em movimento.
E no silêncio do jardim,
bailam eternas,
como poesia em forma de asa.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

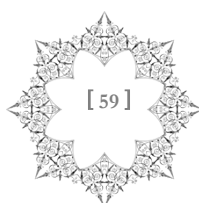
QUANDO A ALMA CHORA

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Quando se está absolutamente só
às vezes o pranto é incontido.
Quando a pesada noite além
de qualquer entendimento, se arrasta.
Quando ruidoso vento invernal
contra os elementos, conspira.
Quando uma melodia é
agudamente melancólica.
Quando de dor a história nos dilacera o peito.
Mas às vezes é um desconsolo
que teimosamente nos asfixia
e no coração nos machuca
tira proveito e faz morada...
até que as próprias lágrimas
- não se sabe como –
possam gerar um lenitivo bálsamo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

RECOMEÇAR
POR SELMA LUANNY

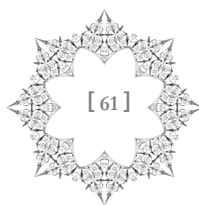
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Ao percorrer a última etapa, com o mar de sargaços
ou a densa floresta a sonhar se mesclar.
Mas a única certeza é a incerteza da continuidade.

Nesta vida, desperdicei muito tempo.
E muito deixei por fazer. Tentar redimir sem nada mudar,
seria hipocrisia sem sentido e respaldo.

Se se pudesse ter consciência genética
e se uma outra chance houvesse
no que se compusesse, seria melhor?

No constante recomeço da Natureza...
possibilidades de aprimoramentos.
Na ligação de tudo, falhas e acertos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O TEMPO

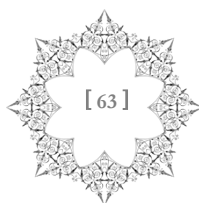
POR SIMONE MOURA

Simone de Souza Moura Otoni, natural de Goianésia - Go, casada, três filhos, escritora com participação em mais de 50 Antologias. Professora, formação em Letras e Pedagogia e pós-graduação em História e Cultura Afro-brasileira e Africana e em Linguística.

E os sinos tocam...
A esperança se renova
Dia após dia.
É o sol, é a lua, não importa!
É o coração que bate, ora pausadamente
Ora ofegante...
Tudo depende...

É o vento que sopra aqui, ali
Sempre em movimento...
É a vida que transborda...
É o compartilhar de momentos
É o sorriso discreto,
Ou escancarado...

É o abraço que chega, de repente
É o beijo roubado...
É o continuar da vida
É o tempo...
Que chega, não espera, passa...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NAS MINHAS POESIAS

POR STARINES

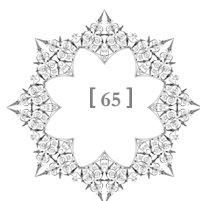
Professora aposentada, apaixonada por livros e poesias. Durante seus trinta e dois anos de atuação na Educação foi, além de Professora, Coordenadora, Assistente de Diretor e Diretora. Escreveu um livrinho em dedicatória às minhas sobrinhas Sheila e Cláudia, chamado A turma da rua (1992). Tem algumas poesias publicadas em Antologias: O nosso olhar (2022), Invisibilidade (2024) Articule e Onde estará o amor(2025) Publicou um livro: Por um punhado de açúcar e muito mais...(2024).

Trato da vida com seriedade,
dando voz aos esquecidos.
Enfatizo os desvalidos neste mundo enlouquecido
pelos os desafios das desigualdades.

Transbordando em cada verso minha total indignação
com os flagrantes descasos com o planeta e com cada cidadão.
Evidencio a resistência humana diante das adversidades,
que enfrentamos com coragem apesar das contrariedades.

Declaro a necessidade de ações mais efetivas
nas abordagens paliativas, que comprometem a segurança
da gente que vota, aposta e confia em governantes mais eficientes.

Abordo o amor, a dor, a expectativa, a esperança,
e a certeza que há tempo de vencer os contratempos
e voltar o nosso olhar para o que realmente importa.
Que é a vida, que grita, insiste e não desiste de acreditar:
ainda existe algo de muito humano em nós,
capaz de se importar com a maioria desfavorecida
e transformar nosso planeta num verdadeiro lar,
onde todos possam habitar com dignidade, serenidade e
acima de tudo amando e respeitando as diversidades.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PROCESSO É EXERCÍCIO

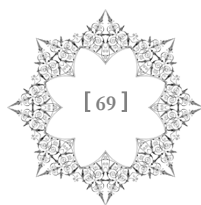
POR TATI RICELI

Tatiana Riceli é escritora e executiva de Recursos Humanos. Com humor elegante e olhar atento às sutilezas da vida, transforma experiências em narrativas que acolhem e inspiram. Autora do livro *Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço – Com Licença, Estou Me Reencontrando*, escreve entre poesia e prosa, explorando temas como afetos, silêncios e recomeços. Sua obra busca traduzir emoções em palavras vivas, unindo leveza e profundidade. Atualmente prepara novos projetos literários que combinam lirismo e verdade, sempre com a marca de uma escrita autêntica e próxima do leitor.

O processo nunca foi espetacular.
O espetáculo é aplaudido,
É luz.
é instante que se apaga quando a cortina desce.
O processo, não.
Ele acontece no escuro.
É ensaio secreto da alma.
Repetição invisível.
tentativa silenciosa que ninguém percebe
mas que sustenta o que um dia se tornará visível.
O processo é disciplina oculta.
Não mora no palco.
mas nos bastidores.
É o gesto imperfeito repetido mil vezes
até ganhar forma.
É a queda insistente que ensina a levantar com mais firmeza.
É a dor pequena que amadurece músculos invisíveis
para suportar dores maiores
O processo é exercício.
Exercício de constância
De paciência.
De humildade diante do tempo.
É treino diário para suportar a travessia.
Não enfeita fotos.
não cabe em medalhas
Não é estampado em troféus.
Mas é ele quem sustenta o corpo quando a pressa falha,
é ele quem mantém de pé quando tudo convida a desistir.
Exercitar-se é aprender a existir sem desistir.
É alongar o coração endurecido.
É aquecer esperanças frias.
É mover o peso dos próprios medos sem deixar que esmaguem.

Flexionar memórias.
correr contra ausências
pular os obstáculos invisíveis que a alma inventa.
O processo é mais que treino:
É ritual.
Ritual de recomeçar, mesmo sem vontade.
de repetir o gesto até que ele se torne oração
de confiar que cada esforço silencioso
é tijolo invisível na construção de si mesmo.
E, às vezes, arde,
É porque crescer também dói.
Se às vezes cansa.
é porque amadurecer também exige resistência.
O processo não é poupado.
Ele exige.
Mas é na exigência que revela força
É na disciplina que cria liberdade.
É no limite que se descobre horizonte.
O processo é exercício.
E exercitar-se é render-se à vida em sua forma mais inteira:
Sem encurtar caminhos
Sem roubar etapas.
Sem fugir do desconforto que educa.
É aceitar que a vida não é uma apresentação final.
Mas, ensaio contínuo.
Coreografia inacabada.
Partitura que se escreve enquanto se toca.
E um dia, ao olhar para trás,
Não verei medalhas.
Nem palcos.
Nem aplausos.
Verei apenas a constância de ter permanecido.
E talvez seja essa a maior vitória:

ter feito do processo
o meu exercício de existir.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O TEMPO DO PROCESSO

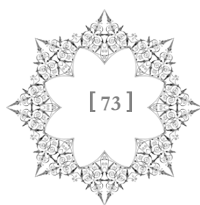
POR TATI RICELI

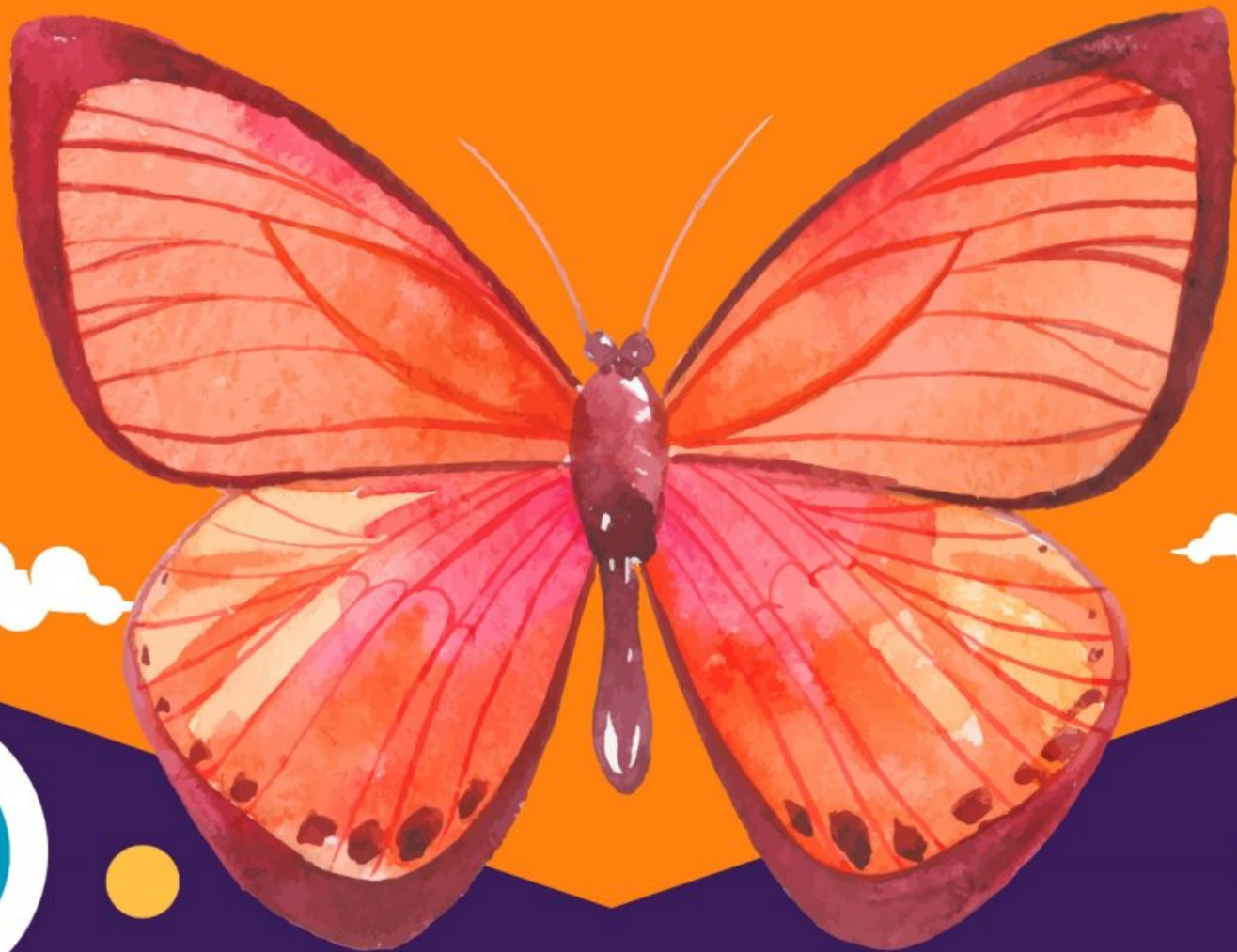
Tatiana Riceli é escritora e executiva de Recursos Humanos. Com humor elegante e olhar atento às sutilezas da vida, transforma experiências em narrativas que acolhem e inspiram. Autora do livro Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço – Com Licença, Estou Me Reencontrando, escreve entre poesia e prosa, explorando temas como afetos, silêncios e recomeços. Sua obra busca traduzir emoções em palavras vivas, unindo leveza e profundidade. Atualmente prepara novos projetos literários que combinam lirismo e verdade, sempre com a marca de uma escrita autêntica e próxima do leitor.

O tempo nunca foi um relógio.
Relógios apenas o imitam mal.
com seus ponteiros apressados
com sua arrogância de acreditar que capturam o infinito.
O tempo é maior, mais lento e mais sábio do que qualquer engrenagem.
Ele não cabe em pulseiras de ouro.
Nem em despertadores que gritam de madrugada.
Ele se esconde no intervalo imperceptível
Entre uma respiração e outra.
E foi ali, nesse intervalo quase invisível,
que descobri o processo.
O processo não se anuncia.
Ele chega como chega a aurora:
Sem pedir licença.
Sem dar explicações.
Desenhando no horizonte, uma mudança que só se entende depois.
E, no entanto, é no processo que se aprende
a suportar a beleza e o peso da vida.
O tempo me pegou pelo braço.
Não com a pressa de quem arrasta
mas com a firmeza de quem ensina.
Não me perguntou se eu estava pronta.
Não me ofereceu atalhos.
Apenas disse: Anda.
Cada passo será seu professor.
Cada queda será seu exame.
Cada lágrima será tua biblioteca secreta.
E eu, que tantas vezes julguei o tempo meu inimigo,
Descobri que ele era, na verdade,
Meu mestre disfarçado.
O tempo é um alfaiate invisível.
mede nossas dores em silêncio

Corta nossos excessos com uma tesoura afiada.
Costura cicatrizes em tecidos de pele e de memória.
Cada linha que desenha no rosto
É um verso que ele escreve sem tinta.
Cada ruga é um poema bordado pela resistência.
E aqueles que chamam de envelhecimento
Eu aprendi a chamar de literatura viva.
Quantas vezes tentei enganá-lo?
Rasguei folhas de calendário.
Apaguei aniversários.
Imaginei que a juventude fosse eterna.
Mas o tempo, irônico, sempre ria de mim.
Ele voltava pela porta dos fundos.
Me esperava na esquina da saudade.
Me lembrava de que pressa cobra juros altos.
E que todo atalho exige um pedágio oculto.
O processo não tem pressa.
Ele é jardineiro.
Sabe que sementes não florescem ao som de comandos.
Que a terra precisa do silêncio da escuridão
Para que algo brote com vigor.
E, por isso, tantas vezes me deixou no escuro,
Para que eu germinasse por dentro.
Há dias em que penso ter perdido tempo.
Mas, ao olhar com calma, percebo:
Foram esses dias que me ensinaram
A diferença entre estar ocupada
e estar inteira.
O tempo também é escultor.
Ele não pergunta se quero ser pedra ou estátua.
Ele apenas golpeia.
Com paciência de séculos.
retirando lasca por lasca

Até revelar em mim
uma forma que eu mesma desconhecia.
E quando me sinto cansada
Quando clamo por respostas.
Ele se cala.
Porque o tempo não dá explicações.
apenas oferece experiências.
E é nesse silêncio,
nesse vazio que primeiro me parecia abandono,
Que aprendi a me ouvir de verdade.
O processo é exercício de confiança:
andar mesmo sem mapa
Crer mesmo sem garantias.
Esperar mesmo sem relógio.
É ali, nesse espaço suspenso,
Que compreendo que não é o destino que muda.
Mas o viajante que se transforma.
E quando finalmente entendo,
Quando aceito a lentidão como parte da lição,
O tempo sorri, discreto, quase invisível
como quem já sabia
desde o início
que eu chegasse até aqui.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MAR QUE ME LEVA, MAR QUE ME TRAZ

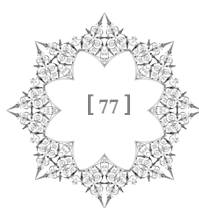
POR TATI RICELI

Tatiana Riceli é escritora e executiva de Recursos Humanos. Com humor elegante e olhar atento às sutilezas da vida, transforma experiências em narrativas que acolhem e inspiram. Autora do livro Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço – Com Licença, Estou Me Reencontrando, escreve entre poesia e prosa, explorando temas como afetos, silêncios e recomeços. Sua obra busca traduzir emoções em palavras vivas, unindo leveza e profundidade. Atualmente prepara novos projetos literários que combinam lirismo e verdade, sempre com a marca de uma escrita autêntica e próxima do leitor.

O mar me chama por um nome que só ele conhece.
Não é apelido, não é título.
É um nome mais antigo que os ossos,
um nome gravado antes de qualquer nascimento,
escrito no idioma secreto das águas.
Cada onda repete esse nome secreto
Como mantra, oração ou feitiço.
E eu, pequena diante do infinito,
Respondo com passos hesitantes.
Como quem se aproxima de um altar perigoso:
Aquele que tanto consola quanto consome.
O sal me queima os olhos.
Mas não é só o sal.
É a memória líquida dos meus fracassos.
das lágrimas escondidas em travesseiros,
dos sonhos que deixei à deriva
Quando perdi a coragem de remar.
O mar devolve tudo o que escondi de mim mesma.
É arquivo vivo dos meus silêncios.
É espelho que não perdoa.
E, ainda assim, eu volto.
Volto porque nele encontro a verdade que a terra nega:
Somos instáveis e repetitivos.
Somos ondas quebrando uma e outra vez
Até aprender que não há derrota em recomeçar.
O mar é mãe e é carrasco.
É colo que embala,
é mão que empurra sem aviso.
Ele me afoga
mas também me ensina a respirar com mais pulmão.
Ele me derruba.
mas depois me devolve à areia

Com uma nova forma de levantar-se.
Amar o mar é aceitar morrer e renascer
Na mesma manhã.
Quantas vezes acreditei que poderia dominá-lo?
Braços rígidos, peito inflado
tentando nadar contra a correnteza
Como se fosse dona da água.
E o mar, rindo da minha arrogância
Me mostrou o chão áspero da areia.
Me lembrou que a vida não se doma.
Apenas atravessa.
Há quem veja nele apenas perigo.
Eu vejo catedral.
Cada onda é um vitral de espuma.
Cada maré é sermão pregado em linguagem secreta.
O mar me ajoelha sem permissão
me obriga a confessar pecados
que eu nem sabia que carregava.
E, mesmo assim, me absolve.
Não use palavras,
mas com silêncio.
O silêncio profundo
daquilo que é eterno demais para ser explicado.
No vai e vem das águas,
Aprendi que perder também é ganho.
que naufrágio também é rito de passagem
que toda queda é iniciação.
Porque a onda que quebra em dor
Volta em esperança.
E o mar, incansável,
Me ensina que nada termina.
Tudo apenas se transforma
em outra maré.

Hoje, caminho com os pés molhados
E o coração descalço.
O mar me devolveu a coragem de ser frágil.
E, nessa fragilidade, descobri força:
Só quem aceita se afogar.
Aprenda o milagre de respirar de novo.
Mar que me leva
Mar que me traz,
Guarda em tuas entranhas
A minha oração mais íntima:
Não quero vencer tuas águas.
Quero aprender a fazer parte delas.
E se um dia eu não voltar da travessia
Não será tragédia.
Será reencontro
Porque o mar não leva ninguém de verdade:
apenas devolve ao infinito
o que sempre lhe pertenceu.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ENQUANTO EU VOLTAVA

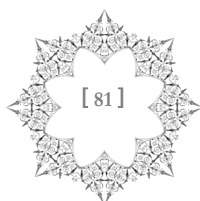
POR TATI RICELI

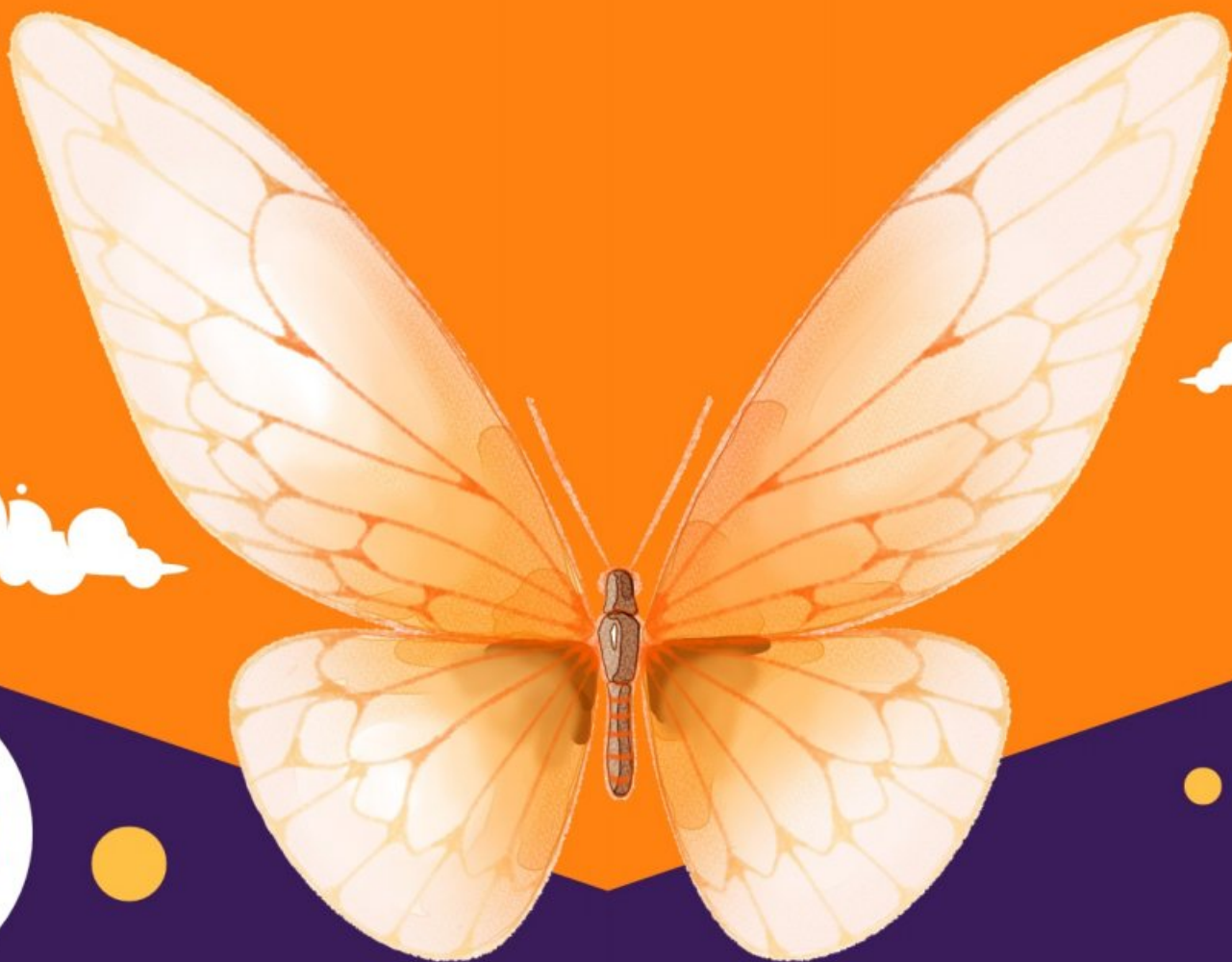
Tatiana Riceli é escritora e executiva de Recursos Humanos. Com humor elegante e olhar atento às sutilezas da vida, transforma experiências em narrativas que acolhem e inspiram. Autora do livro Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço – Com Licença, Estou Me Reencontrando, escreve entre poesia e prosa, explorando temas como afetos, silêncios e recomeços. Sua obra busca traduzir emoções em palavras vivas, unindo leveza e profundidade. Atualmente prepara novos projetos literários que combinam lirismo e verdade, sempre com a marca de uma escrita autêntica e próxima do leitor.

Enquanto eu voltava
A rua parecia diferente,
Mas talvez fosse eu quem já não cabia mais nela.
O chão, que antes me recebia distraído
agora se abria como cicatriz mal fechada
Lembrando-me de que nenhum retorno é inocente.
O asfalto guardava marcas invisíveis.
impressões de passos que já não eram os mesmos
rastros de idas que eu havia jurado nunca mais desfazer
Enquanto eu voltava
O vento não era apenas um sopro.
mas confessor.
Ele atravessava meus cabelos como dedos antigos.
e cochichava verdades que eu fingira esquecer:
Não há fuga que dure para sempre.
Não há distância que desfaça o que é teu.
E, a cada rajada, me despia de defesas.
me obrigava a carregar menos peso
Me convidava a renascer.
Voltar não era regressar.
Regressar é refazer um trajeto
Mas voltar é rever-se nos olhos do próprio passado.
É caminhar pela mesma rua com um corpo novo,
com feridas que agora são mapas
com silêncios que agora são espelhos.
É reconhecer que a estrada é a mesma,
Mas os pés já não são os de antes.
E que, por isso, cada passo é estreia,
mesmo quando parece repetição.
Enquanto eu voltava
Os relógios me observavam com desdém.
As horas não marcavam o tempo.

marcavam ausências.
Cada badalada era lembrança.
cada ponteiro, ferida.
E eu compreendi:
O tempo não me perguntava “quando?”,
me perguntava “quem?”.
Quem retorna? Quem sou agora?
E a resposta não vinha em palavras,
mas em lágrimas contidas
em respirações pesadas,
em coragem miúda que insistia em seguir.
Enquanto eu voltava,
Os muros me olhavam com ironia.
As janelas me sondavam como testemunhas.
E percebi que não era só eu quem voltava:
Eram todos os fantasmas que caminharam comigo.
As versões que abandonei
as pessoas que deixei
as promessas que quebrei.
Todos voltaram comigo.
Como coro invisível,
Como lembrança insistente de que retorno.
é sempre reencontro com o que não se quis enfrentar.
Voltar exige humildade.
A humildade de aceitar que me perdi.
A humildade de reconhecer
que há idas que são fuga,
e retornos que são redenção.
A humildade de admitir
Que nenhum recomeço aconteça no futuro.
ele acontece no instante exato em que os pés
Ousam refazer o caminho.
Enquanto eu voltava

Descobri que círculos perfeitos não existem.
A vida não devolve ninguém ao ponto de partida.
O que chamamos de retorno
É, na verdade, uma nova chegada.
Chegada ao mesmo lugar
com olhos que aprenderam a distinguir pressa de presença,
Vaidade de verdade.
silêncio de abandono.
E no instante em que compreendi,
o retorno deixou de ser movimento dos pés
para se tornar movimento da alma.
Não era a rua que me recebia.
Era eu quem finalmente me encontrava.
E percebi:
não voltava ao que era
voltava ao que sempre estive aqui dentro
àquela parte que nunca desistiu de mim,
mesmo quando eu mesma tinha desistido.
Enquanto eu voltava
Descobri que o verdadeiro destino do retorno
Não é o lugar.
Nem as pessoas.
Nem o tempo perdido.
O verdadeiro destino é a reconciliação consigo mesmo.
E, nesse instante,
Soube que não caminhava para trás.
mas para dentro.
E ali, nesse dentro,
Descobri que voltar era, afinal,
O meu mais profundo renascer.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A FOME QUE NÃO ERA SÓ DE COMIDA POR TATI RICELI

Tatiana Riceli é escritora e executiva de Recursos Humanos. Com humor elegante e olhar atento às sutilezas da vida, transforma experiências em narrativas que acolhem e inspiram. Autora do livro *Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço – Com Licença, Estou Me Reencontrando*, escreve entre poesia e prosa, explorando temas como afetos, silêncios e recomeços. Sua obra busca traduzir emoções em palavras vivas, unindo leveza e profundidade. Atualmente prepara novos projetos literários que combinam lirismo e verdade, sempre com a marca de uma escrita autêntica e próxima do leitor.

Havia em mim uma fome sem nome,
uma fome que não se saciava no prato
Nem na boca.
Nem na mesa posta.
Era fome de silêncio em meio ao tumulto.
fome de colo em meio ao deserto.
fome de um olhar que não fosse pressa.
Era fome de ser percebida
não pelo que faço,
Mas, pelo que sou, quando o mundo silencia.
Não era o estômago que clamava
era a alma.
Um vazio que não fazia barulho.
mas latejava como eco dentro de gruta.
Um abismo delicado
invisível aos olhos dos outros
Mas em mim, imenso.
Insistente.
como pássaro que bate asas contra as grades.
A cada tentativa de calá-la,
Ela retornava mais funda.
A cada distração,
Ela gritava mais alto.
Porque não era fome de pão.
Era fome de eternidade.
Fome de pertencer a um lugar sem precisar pedir licença.
Fome de um abraço que não se dissolvesse no ar.
Fome de reconhecimento sem máscara
fome de repouso sem vigília
fome de existir sem desempenho.
Há fome que não se cura com colheres.
São fomes que pedem presença,

escuta

Consciência.

São fomes que pedem coragem
para atravessar desertos internos
e nomear ausências.

E quando finalmente aprendi a nomeá-la,

A fome se transformou em mestra.

Revelou que algumas carências

São apenas memórias pedindo espaço.

Revelou que alguns vazios

são convites para novos começos.

A fome que não era só de comida

era também sede de mim mesma.

Sede de reencontro.

Sede de repousar inteira no corpo que habito

Sem pedir desculpas por existir.

E no instante em que compreendi,

Percebi que essa fome era, paradoxalmente,

A promessa de plenitude.

Não era sinal de falta.

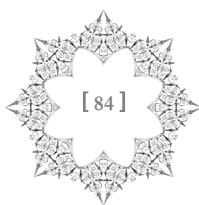
mas de busca.

E, por isso, bendigo essa fome,

Porque foi ela quem me ensinou.

Que viver também é aprender a se nutrir

daquilo que não se vê.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI